

ENTREVISTA**DIÁLOGOS SOBRE INCLUSÃO COM DR. VINICIUS MARTINS FLORES****DIALOGUES ABOUT INCLUSION WITH DR. VINICIUS MARTINS FLORES****Mariana Baierle**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Doutoranda em Letras – Linguística Aplicada
<https://orcid.org/0000-0003-3618-4174>
marianabaierle39@gmail.com

RESUMO: Esta entrevista apresenta um diálogo com o professor e pesquisador Dr. Vinícius Martins Flores, coordenador do curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2019. Se destaca pela sua dedicação e seriedade no trabalho com processos inclusivos dentro do curso, tanto no acolhimento quanto no acompanhamento de alunos com deficiência, surdos e com diversidades de forma ampla. Suas pesquisas circulam entre educação e linguística, permeando questões terminológicas investigando termos-sinais da Libras utilizados pela comunidade surda LGBTQIA+. Os diálogos aqui apresentados perpassam pautas como: a avaliação de alunos com deficiência e os desafios da formação docente, bem como as investigações realizadas no Grupo de Estudos em Tradução e Terminologia em Libras (GETTLibras/UFRGS).

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Língua de Sinais; Acessibilidade; Tradutor e intérprete de Libras.

INTRODUÇÃO

O professor e pesquisador Dr. Vinícius Martins Flores atua na área de gestão acadêmica, como coordenador do curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2019. Se destaca pela sua dedicação e seriedade no trabalho com processos inclusivos dentro do curso, tanto no acolhimento quanto no acompanhamento de alunos com deficiência, surdos e com diversidades de forma ampla. Sua caminhada como docente na educação de surdos inicia em 2005 e já atuava desde 1999 como tradutor e intérprete de Libras, assim suas pesquisas circulam entre educação e linguística, permeando questões terminológicas investigando termos-sinais da Libras utilizados pela comunidade surda LGBTQIA+.

O docente ministra aulas junto ao Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras, lecionando disciplinas de prática de Tradução e Interpretação de Libras, Escrita de Sinais e Estágio Supervisionado em Tradução e Interpretação em Libras. Além disso, ele desempenha o papel de coordenador do polo UFRGS/INES, que oferece o curso de Pedagogia online, e lidera o GETTLibras, Grupo de Estudos em Tradução e Terminologia em Libras.

A entrevista aqui realizada é compreendida a partir da definição de Gil (1999):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (Gil, 1999, p. 113).

Metodologicamente, esta entrevista está norteada por uma abordagem qualitativa (Prodanov e Freitas, 2013), alicerçando-se na interpretação dos fenômenos e na atribuição de significados, sem requerer o uso de métodos e técnicas estatísticas. Por tratar-se de uma entrevista semiestruturada seguiu um roteiro de perguntas norteadoras pré-definidas pela entrevistadora a partir de sua pesquisa acerca da produção científica, carreira e áreas de interesse do entrevistado. Alguns questionamentos surgiram a partir das respostas do entrevistado, sendo acrescidos durante a interação. A coleta de dados aconteceu de forma presencial, com a gravação em áudio autorizada pelo entrevistado e teve duração de cerca de uma hora, de forma presencial, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus do Vale, em Porto Alegre.

Neste trabalho, entrevistadora e entrevistado abordam diversos aspectos, incluindo a avaliação de alunos com deficiência e os desafios da formação docente. O Dr. Vinicius Martins Flores compartilha sua história acadêmica, discute sobre preconceito, resistência e discriminação que já enfrentou, tanto devido à temática de suas pesquisas quanto pelo status atribuído à língua de sinais e por ser um pesquisador LGBT.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira refere-se a esta breve introdução, em que apresento o entrevistado e a temática a ser discutida. E a seção subsequente, intitulada “Dialogando com Dr. Vinicius Martins Flores”, a qual está organizada na forma de oito perguntas e respostas, em

linguagem direta, nas quais o Dr. Vinicius explora seus pontos de vista, traz suas perspectivas teóricas e conceituais, problematizando e tensionando por mudanças e transformações sociais. Evidentemente que as questões trazidas por ele não se encerram no presente trabalho, mas podem dialogar fortemente com investigações em andamento ou suscitar futuras contribuições para os estudos da linguagem e da educação.

DIALOGANDO COM DR. VINICIUS MARTINS FLORES

1) Mariana:

Enquanto coordenador do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quais as principais dificuldades e desafios enfrentados hoje no que diz respeito à diversidade e inclusão no curso de Letras, tanto de pesquisadores quanto de alunos? Podemos mencionar a realidade de pessoas com deficiência, surdos usuários de Libras, pretos, pardos, indígenas, imigrantes, refugiados, baixa renda, quilombolas, LGBTQIAPN+, mães, e outros.

Vinicius: Quando pensamos nessa diversidade, percebemos que os locais são feitos para acolher corpos padronizados. Geralmente não se leva em consideração a pessoa com deficiência, a diversidade de gênero, de etnia, enfim, todas as possibilidades de um ser humano. Cada indivíduo pode ser múltiplas coisas, não é mesmo? Então se formos pensar em uma aluna mulher, ela pode ser jovem, mais velha, mãe, trabalhadora, morar na periferia. Ela pode ter infinitas características. E quando pensamos em um aluno, ele também pode ser pai e tantas outras coisas.

Enquanto alguns grupos têm privilégios históricos, seja por uma estrutura social, seja por questões ligadas ao machismo estrutural ou por outros aspectos que podem compor a sociedade de hoje, existem algumas minorias que têm menos acesso. Hoje comparando com dez anos atrás, conseguimos acolher muito melhor alguns grupos minoritarizados. Lembro de não existir uma flexibilidade para aluna gestante ou lactante. Isso foi evoluindo. A mesma questão quando pensamos sobre a pessoa surda usuária de Libras. Há 24 anos não teria direito a intérprete de língua de sinais. Hoje tem esse direito. Se a pessoa vai ter sempre, daí é uma outra batalha.

Com relação à estrutura arquitetônica acontece de forma parecida. Por volta dos anos 2000 havia uma grande briga para ter rampas de acesso pela cidade. E hoje ela é muito mais comum do que naquela época. Conseguimos também visualizar mais inclusão dentro do espaço universitário do que cinco anos atrás. Vamos tendo essa evolução gradativa até dos próprios conteúdos, que de alguma forma estão mais sensíveis.

Mesmo na universidade por muitas vezes a educação inclusiva ficava escondida, na periferia dos estudos. E hoje ela é uma disciplina, já tem curso de especialização, mestrado e doutorado com essa abordagem. Temos muitos pesquisadores pensando formação nessa área não somente para professores, mas para outros públicos. Claro que ainda tem muito para ser feito. Se conseguirmos sensibilizar a escola e a sociedade de forma ampla, com o braço da extensão universitária, levando o que é feito de pesquisa e inovação para a sociedade, vamos evoluir muito no que diz respeito à diversidade e inclusão

social. Mas é um processo lento porque significa deixar para trás uma cultura arraigada. Serão necessárias algumas gerações para se ter esse processo mais consolidado e uma mudança mais profunda.

2) Mariana:

Gostaria que você citasse exemplos de coisas importantes que vem acontecendo em termos epistemológicos e culturais envolvendo a inclusão dentro da universidade. Fale sobre os processos exitosos que vem acontecendo a partir da sua experiência no curso de Letras da UFRGS.

Vinicius: Pensando o campus do Vale da UFRGS – que tradicionalmente é um local de difícil acesso para qualquer sujeito, seja pela distância ou distribuição de prédios no imenso campus –, vários espaços que antes não tinham rampas, corrimão, piso tátil, hoje já tem. A cada ano algo vai se modificando. E isso se dá a partir da hora que o estudante com deficiência chega na universidade. O correto seria arrumar a casa para receber a visita, mas nem sempre é assim. Até porque dependemos de recursos financeiros e muitas vezes damos prioridade para atender as demandas imediatas.

Um exemplo é a chegada dos professores surdos no Instituto de Letras da UFRGS e, em função disso, a vinda do serviço de interpretação em Libras para o Campus do Vale. Tecnologias assistivas também foram adquiridas a partir da hora que recebemos colegas técnicos administrativos com cegueira e baixa visão atuando em nosso curso. Tudo a partir da demanda do sujeito. Ainda não tivemos a possibilidade de trabalhar preparando o espaço antecipadamente. Existe esta limitação.

Com relação à acessibilidade atitudinal, os estudantes já trazem isso para dentro da universidade, o que nos sinaliza que lá fora também está ocorrendo uma mudança. Em 2022, tivemos um projeto de extensão da Comissão de Graduação do curso de Letras junto com o Núcleo Acadêmico do Instituto de Letras, intitulado “Quebrando barreiras na Universidade”, onde oferecemos um curso voltado para questões de acessibilidade e inclusão com foco na deficiência visual. A adesão de alunos e de pessoas externas foi grande, o que corrobora com a percepção de que estamos em um processo de transformação.

A Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de 2007 já apresentava essas questões. Contudo, as mudanças são vagarosas e nós vemos que a geração atual já tem uma consciência atitudinal sobre acessibilidade bem diferente. Eles já chegam com algumas demandas e perguntando: “Se eu for dar aula para uma pessoa que tem uma deficiência X, como é que faz?”. Se eles têm um colega cadeirante na turma, logo se preocupam como ele irá se deslocar pelo campus, se tem acessibilidade até o restaurante universitário, até a biblioteca ou outros espaços. Então vemos na prática esse movimento atitudinal. Isso é muito importante porque ele faz com que o restante se modifique também.

3) Mariana:

A universidade é um espaço em que observamos muito a questão da meritocracia, do alto rendimento, da necessidade de tirar boas notas. Como acontecem os processos avaliativos hoje pensando nesse perfil de diversidade de alunos com deficiências, TDAH, surdos ou com outras características que necessitem de uma avaliação condizente com a sua especificidade? Os professores e a estrutura da universidade estão atentos para essa questão da avaliação que respeite o indivíduo?

Vinicius: Existe uma crescente atenção para isso por parte da UFRGS. Quando entrei na UFRGS em 2017, participei de uma formação que abordava Metodologias de Ensino, buscando diferentes abordagens para a sala de aula. Existem várias metodologias diferentes que poderia citar, todas contribuindo para atender às necessidades específicas de ensino, seja para pessoas com autismo, baixa visão, mobilidade reduzida, surdas usuárias de Libras ou outras especificidades. Cada indivíduo possui características que exigem ajustes na metodologia de ensino, pois sua forma de aprender pode ser diferente da maioria. No entanto, alterar a forma de ensinar também beneficia a maioria, tornando o ambiente mais dinâmico, e todos podem se beneficiar quando repensamos o ensino e a avaliação.

No curso de Letras, temos projetos interessantes, como a leitura em voz alta, e muitos outros que envolvem leituras diversas, discussões com a presença do autor e outras iniciativas. Isso já transforma a dinâmica da sala de aula, promovendo novos engajamentos e perspectivas sobre aprendizagem e avaliação.

Embora uma grande parcela das disciplinas adote avaliações que fogem do tradicional, algumas ainda seguem uma abordagem tradicional, com apenas uma prova durante o semestre. Ao mesmo tempo, muitos alunos chegam à universidade com essa ideia enraizada desde a Educação Básica, acreditando que a avaliação se resume a uma prova. Nesse sentido, a universidade é um agente para a mudança da forma de avaliação.

Porém, é importante reconhecer que, ao mesmo tempo em que problematizamos essas questões, a avaliação tradicional ainda é necessária para ingressar na universidade, em concursos públicos, seleções no setor privado e outros processos avaliativos em larga escala. A universidade tem o papel de preparar os indivíduos para essa realidade complexa. Não se trata de uma equação simples. As provas ainda são uma parte importante de nossas vidas e precisam coexistir com as novas metodologias de ensino e avaliação.

4) Mariana:

Acredito que a forma como a prova é encarada, tanto por alunos quanto professores, influencia muito. Às vezes tem aquela questão quase punitiva da nota baixa em que o aluno se sente fracassado. Tem uma questão emocional muito forte. Você acredita que existem outras formas de trabalhar com a prova enquanto instrumento de avaliação, quebrando este modelo tradicional?

Vinicius: Sim, podemos mudar a abordagem da avaliação. Muitas vezes, quando falamos em prova, a encaramos como algo final e definitivo. No entanto, a prova deveria ser apenas uma parte do processo avaliativo, não a avaliação final em si. Não somos definidos pelo que apresentamos em um único dia. A aprendizagem não se limita a um momento isolado. Por exemplo, se considerarmos os testes de proficiência em língua, eles envolvem várias etapas. Portanto, a avaliação tem evoluído consideravelmente dentro da universidade. Muitas disciplinas têm adotado métodos de avaliação que vão além de uma simples prova. Naturalmente, estamos constantemente buscando aprimorar esses processos avaliativos, e há sempre espaço para melhorias.

5) Mariana:

A formação dos futuros professores que passam pelo curso de Letras, envolvendo também a estrutura curricular, está atentando para a diversidade e a inclusão social de grupos minoritarizados? Você percebe essa preocupação dentro da formação docente atual ou muito ainda se tem a avançar?

Vinicius: O curso de Letras da UFRGS incorporou disciplinas importantes da área de educação especial e inclusiva. Além disso, avançou ao incluir a disciplina de Educação e Relações Étnico-Raciais em seu currículo. Outra disciplina relevante é a de Panoramas de Estudos Linguísticos da Língua de Sinais, e há previsão de inclusão de mais disciplinas nessa área. Disciplinas já estabelecidas do curso também têm abordado mais esse tema, especialmente no final do curso e durante os estágios.

No começo dos anos 2000 tínhamos apenas uma disciplina isolada sobre o assunto e hoje temos um circuito pedagógico integrado entre Letras e Educação. Além disso, contamos com dois programas importantes na área de iniciação à docência: o PIBID e a Residência Pedagógica. Na prática escolar, os estudantes perceberão a diversidade humana, encontrando pessoas com deficiência, questões de gênero, dificuldades socioeconômicas e muitas outras que fazem parte da sociedade.

Nossa formação básica é muito rica e temos avançado consideravelmente em comparação com o passado. No entanto, ainda há muito a ser feito, sendo importante lembrar que a graduação é apenas o começo de uma longa jornada de formação docente. Percebo a necessidade de mais formações continuadas. É importante explorar outras perspectivas e utilizar diversos materiais como ponto de partida, inclusive aqueles produzidos no próprio curso de Letras. Um exemplo é a revista Bem Legal, que compartilha experiências dos alunos, planos de ensino e materiais didáticos produzidos por eles.

6) Mariana:

Você coordena também o GETTLibras da UFRGS. Gostaria que contasse como surgiu esse grupo, as atividades desenvolvidas e o foco dos estudos.

Vinicius: Em 2017, iniciei minha carreira como docente na UFRGS. Em outubro daquele mesmo ano, criei o GETTLibras. Inicialmente, nossas pesquisas estavam voltadas para a área terminológica religiosa e para os intérpretes de Libras que atuavam nesses ambientes. Historicamente, a questão da acessibilidade para pessoas surdas ou com deficiência foi abraçada nos espaços religiosos, sendo associada à prática de caridade. Onde havia intérprete de Libras, geralmente era em igrejas, templos, centros religiosos, sinagogas, ou qualquer outro espaço religioso.

O grupo sempre trabalhou com a língua em uso, ou seja, a língua que circula entre os surdos na região metropolitana de Porto Alegre. Conseguimos reunir representantes de cinco religiões, desde católicos, protestantes, espíritas, Testemunhas de Jeová, Candomblé e até mesmo ateus, pois contatamos grupos religiosos que tinham trabalhos com Libras e surdos. Foi um trabalho de um ano inteiro. No meio de 2018, organizamos o “I Seminário Regional de Terminologia em Libras em Contexto Religioso: os Desafios e Soluções para Ter um Espaço Religioso Bilíngue”. Apresentamos os dados coletados e proporcionamos um painel de apresentações das ações de cada grupo, permitindo que eles explanassem sobre como era feito o trabalho de interpretação de Libras dentro de seus espaços e sobre como eram conduzidos os estudos bíblicos em língua de sinais.

Enquanto o grupo de extensão ganhava força, em 2018, durante uma Parada LGBT, percebemos que havia um intérprete de Libras trabalhando sozinho em um palco, sob sol escaldante, por várias horas seguidas, sem ter com quem revezar. Atuar em um evento tão grandioso e sem equipe já é desafiador, mas imagine isso exposto ao sol, calor e chuva, das duas da tarde até às oito horas da noite. Logo pensei que seria uma oportunidade única para os alunos do bacharelado em Letras-Libras da UFRGS vivenciarem essa experiência de interpretação. Além das apresentações artísticas, havia uma variedade de discursos sendo proferidos, e os alunos precisariam se preparar, pesquisar e estudar para interpretar nesse evento.

Isso mostra como os estudos de tradução abrangem várias áreas das Letras e também questões de acesso para grupos invisibilizados, como a população surda LGBTQIAPN+. Hoje, temos um grupo com cerca de trinta surdos LGBTs em Porto Alegre, e, com certeza, até mais pessoas, mas iniciamos esse trabalho a partir daqueles que nos procuraram, demandando atenção durante a Parada LGBT.

Assim, nosso grupo de extensão começou a aderir a essa discussão sobre terminologia em Libras da população LGBT surda, mudando um pouco o foco do que estávamos pesquisando. Ao mesmo tempo, muitos alunos que ingressaram no grupo com a temática religiosa começaram a desaparecer das reuniões. Foi evidente que aqueles que pesquisavam sobre a questão religiosa envolvendo Libras não queriam trabalhar com questões LGBT. E aqueles que estavam envolvidos na pesquisa relacionada à terminologia de sinais LGBT não se importavam com a temática religiosa.

Penso que pode ter sido uma questão de homofobia internalizada estruturalmente. Não houve nenhum caso explícito de alguém dizendo “não vou mais participar”, mas houve o desaparecimento repentino dessas pessoas. Elas começaram a se dizer ocupadas, não tinham mais tempo para o grupo de extensão nem para atuar na pesquisa.

Enfim, o grupo seguiu com esse novo foco de estudo e desde 2018 atendemos todas as Paradas Livres em Porto Alegre. São duas paradas anualmente: a Parada de Luta e a Parada Livre. O GETTLibras, além de trabalhar a terminologia, também se dedica à tradução. Temos um pequeno braço dentro do grupo que aborda outras questões, como acessibilidade institucional, material didático para escolas de surdos e a escrita de sinais através do sistema SignWriting – que é a forma de registro da língua de sinais no papel. Uma de nossas participantes pesquisa sobre mães ouvintes de filhos surdos e a acessibilidade às informações relacionadas à língua de sinais.

7) Mariana:

Você falou sobre algo que me chamou bastante atenção que foi este desaparecimento dos participantes do grupo. E isso fala sobre algumas questões suscitadas hoje envolvendo racismo estrutural e preconceito velado, onde a pessoa não vai lá insultar a outra de forma explícita. Como você vê isso hoje no ambiente acadêmico?

Vinicius: Sim, há esse preconceito silencioso e velado que acaba causando muito dano. Isso é mais estrutural do que individual. Muitas vezes é uma reação automática, sem reflexão. Não apenas dentro da Universidade, mas também fora dela.

Vou apresentar exemplos desse preconceito velado e da desinformação. Frequentemente obser-

vamos as pessoas desviando de forma perceptível para evitar se aproximar quando percebem alguém com deficiência visual usando uma bengala. A justificativa é o medo de não saber como ajudar ou de prejudicar a pessoa. A falta de conhecimento sobre como agir leva à evitação, à falta de interação, à ausência de auxílio para atravessar uma rua e até mesmo ao fingimento de não perceber a necessidade de ajuda.

Há ainda o uso de algumas terminologias erradas. Muitas pessoas se referem aos surdos como "surdos-mudos", apesar da luta da comunidade surda para serem chamados simplesmente de surdos. E há até aqueles que os chamam de "não-ouvintes". Temos uma professora chamada Audrei Gesser e tantas outras que vêm trabalhando com publicações sobre isso há décadas. Ela tenta esclarecer que a pessoa surda não tem duas deficiências, ela é apenas surda. Chamamos de surdos aqueles que se comunicam através da Libras, que é uma língua e não simplesmente gestos. Infelizmente, os artigos nos jornais ainda se referem a eles como "surdos-mudos" e à Libras como "linguagem dos sinais", como se não fosse uma língua. E o impacto das palavras é muito significativo nessa construção de significado.

Os preconceitos e discursos de ódio ainda persistem e circulam, por exemplo, quando falamos da Parada LGBT, temos que esclarecer para algumas pessoas que neste evento não há nudismo ou perversão. Temos que explicar que haverá um palco, artistas e apresentações. Claro que dentro dessa arte pode haver roupas mais sensuais, mas isso é algo comum entre artistas pop atualmente em todo o mundo. Se olharmos para grandes artistas como Anitta ou Shakira, elas usam roupas bastante sensuais. E os artistas locais também. A questão é que as pessoas muitas vezes constroem um imaginário com base no que absorvem do seu contexto social e cultural. Quando chegam à universidade e se deparam com questões LGBTQ+, começam a perceber que não estamos discutindo se a pessoa deve ou não fazer algo com seu corpo. Na verdade, estamos discutindo como os surdos LGBTQ+ acessam serviços essenciais, como os serviços de saúde.

Um homem trans ou uma mulher trans têm necessidades específicas relacionadas ao corpo e precisam de acessibilidade para se comunicar. Um homem trans precisa ir ao ginecologista. E como ele obtém acesso à informação hoje? Existem algumas discussões no YouTube sobre isso, mas essas discussões não estão em Libras. Da mesma forma, uma mulher surda trans tem questões hormonais específicas e muitas vezes não tem acesso a informações e serviços de saúde.

Existe um movimento significativo das mulheres surdas, que começou nos anos 90 com o Encontro de Mulheres Surdas da América Latina. Este movimento visa discutir violência doméstica, mercado de trabalho, formação acadêmica, entre outras questões relacionadas à vida das mulheres surdas. Mas as pessoas surdas LGBTQ+ ainda não têm espaço para serem ouvidas e representadas.

O GETTLibras surge para promover essas discussões. Conseguimos realizar alguns encontros, onde os participantes surdos LGBTQ+ diziam "eu quero saber sobre tal tema" e nós trazíamos palestrantes. Isso cria um espaço onde nossos alunos do bacharelado em Letras-Libras podem atuar como intérpretes. Eles precisam compreender o tema, pensar na terminologia e estudar questões de tradução para aplicá-las na interpretação. Dessa forma, criamos um universo rico de estudo e, de certa forma, contribuimos para a sociedade, levando informação para pessoas que geralmente não têm acesso a ela.

Na TV aberta, a janela de Libras aparece na Classificação Indicativa em Língua Brasileira de Si-

nais apenas no início do programa, informando: "Liberado para maiores de tal idade". E é essa Libras que aparece na TV. Esse é o acesso que o surdo terá. Então, as informações e discussões que as pessoas têm quando não têm uma deficiência ou quando são ouvintes, a população surda não tem acesso.

8) Mariana:

Você como pesquisador da área de tradução em Libras e também como uma pessoa LGBT, já sofreu preconceito, discriminação ou resistência no contexto acadêmico seja em função das temáticas de suas pesquisas, do status que é atribuído à Libras ou de forma pessoal por ser um docente e pesquisador LGBT?

Vinicius: A resposta a essa questão está relacionada à trajetória do GETTLibras. Envolve o silenciamento e afastamento das pessoas, a falta de convite para participar de mesas de discussão, e a exclusão de eventos. Há várias questões a serem consideradas aqui. Trabalho com uma língua que tem um status linguístico diferente do inglês ou de outras línguas orais. A Libras está associada à pessoa com deficiência. Frequentemente, sou convidado a falar sobre temas relacionados à surdez e às pessoas surdas, que estão ligados às minhas pesquisas, mas não são meu foco principal. Minhas pesquisas envolvem a formação linguística de professores para o ensino de surdos, mas muitas vezes não sou convidado para discussões sobre formação linguística e formação docente porque utilizo a Libras. Também enfrento resistência quando se trata de terminologia na língua de sinais, apesar de seguir estudando terminologia. O mesmo acontece com meus estudos sobre variação linguística na Libras, que continuam sendo pesquisas na área de variação linguística.

Em muitos congressos nacionais e internacionais, tentam agrupar todos os trabalhos relacionados à Libras em uma única sala, independentemente da linha de pesquisa. Quando participo de um evento, gostaria de discutir terminologia na Libras da mesma forma que outras pessoas discutem terminologia no inglês, francês ou espanhol. Quero estar na mesma sala que estudiosos da terminologia para discutir como as questões de terminologia se aplicam à língua de sinais.

Essa é uma questão que venho observando e tentando trazer para discussão há bastante tempo. É estranho pensar que possa haver desconhecimento por parte dos organizadores desses eventos. Então, seria realmente um desconhecimento ou uma resistência, um preconceito em relação à língua de sinais? Acredito que seja um pouco dos dois.

A pesquisadora Maria Cristina Pires Pereira, nossa colega do Departamento de Línguas Modernas do curso de Letras da UFRGS, tem um artigo recente intitulado "Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais?", onde faz um levantamento histórico dos últimos anos, mostrando que as pesquisas que envolvem tradução e interpretação não abordam as línguas de sinais. Ela demonstra que, ao falar de tradução, as línguas de sinais são ignoradas, assim como ocorre ao falar de interpretação simultânea.

Outra questão relacionada a esse tópico é o fato de os intérpretes de Libras serem frequentemente cortados de fotos, imagens e coberturas da mídia. Eles não aparecem, por exemplo, na cobertura da Parada LGBT. É impressionante o quanto esse apagamento já está consolidado como algo normal. Após esses eventos, tanto eu quanto os alunos procuramos nas notícias, mas nunca aparecemos nas

fotos e nem somos mencionados.

Não sei se é para evitar mostrar a acessibilidade ou porque alguém pode achar esteticamente desagradável. Quando tiram fotos do palco, geralmente o fazem de um ângulo que não mostra o intérprete, e quando é possível vê-lo, a imagem é cortada antes. Isso destaca o quanto a questão da acessibilidade e da língua de sinais não é valorizada pelos veículos de comunicação, que constroem o entendimento das pessoas em massa. E isso é uma escolha baseada em orientações editoriais. Os impactos são enormes, como se o evento não tivesse contado com interpretação em Libras.

REFERÊNCIAS

BEM Legal. 13. ed. Instituto de Letras: UFRGS, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/revis-tabemlegal/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

FLORES, Vinicius Martins. *GETTLibras*: Grupo de Estudos em Tradução e Terminologia em Libras. [S. l.], 2024. Disponível em: https://linktr.ee/GETTLibras_UFRGS. Acesso em: 28 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo Atlas, 1999

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?:* crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. *Estudos da interpretação: quem tem medo das línguas de sinais?* Tradução em Revista, v. 1, n. 24, p.1-21, 2018. DOI: 10.17771/PUCRio.TradRev.34524. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34524/34524.PDFXXvmi>. Acesso em: 28 jan. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2.ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

Submetido em: 02/07/2024

Accite em: 23/10/2024